



A variação linguística: questões cognitivas

Luiz Carlos Cagliari

Professor Titular em Fonética

Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho

E-mail: luiz.cagliari@unesp.br

Bolsista CNPq; Processo 302024/2020-4

 ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6676-0884>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Chamada Temática

Volume 5

Número 2

Recebido em: 02/03/2020

Aprovado em: 21/06/2020

Resumo

O presente trabalho apresenta algumas ideias tradicionais sobre a variação linguística que provocam reações de discriminação e de preconceito na sociedade. Nem todo tipo de variação acaba causando preconceito linguístico. Porém, todo preconceito linguístico vem da discriminação de certos falantes, suportando como argumentos fatos gramaticais de algum tipo. Na vida da língua, existe um jogo de falar, um jogo de entender e um jogo de se comunicar. Esse jogo conduz a conclusões cognitivas relacionadas à linguagem e ao *status* dos falantes na sociedade. Explicar esse jogo mostra como surge o preconceito linguístico e a discriminação social.

Palavras-chave:

Preconceito; Variação linguística; Linguística Cognitiva

1 Introdução

A variação linguística tem uma longa história que começou quando foram feitos os primeiros estudos de como as pessoas falavam. Uma língua costuma se espalhar e ser o meio de comunicação de povos que vivem espalhados, o que faz com que eles tenham modos peculiares e particulares de dizer certas coisas da língua. O mais comum é a variação vocabular, uma vez que as palavras são essenciais para que a comunidade identifique coisas próprias de seus mundos. Criar palavras é a ação inovadora linguística aberta à exploração sociocultural. Como as línguas são fenômenos suscetíveis a mudanças contínuas, após certo tempo, os falantes estranham alguns modos antigos de falar. Na vida real, os usuários são falantes e ouvintes de um sistema em uso, definido como o seu sistema linguístico e que apresenta variações temporais, geográficas e sociais. Esse sistema segue regras linguísticas bem definidas, que são facilmente reconhecidas pelos falantes, porque eles as aprenderam quando começaram a falar. Além disso, qualquer falante sabe bem quando alguém fala algo estranho ao sistema. Por exemplo, se alguém diz **cachorro** em vez de **cavalo**, a comunicação fica prejudicada e o falante nativo facilmente reconhece o erro e sabe como consertá-lo. Um falante não nativo, estrangeiro, pode usar os sons da língua de modo diferente do falante nativo em certos aspectos. Diferenças de fala podem aparecer também entre falantes nativos, dadas como a fonologia da língua é implementada foneticamente. De um modo geral, porém, os falantes nativos são mais conservadores com relação à sintaxe. Quando surgem variantes sintáticas como, por exemplo, o modo como são marcadas as concordâncias verbais e nominais no português do Brasil, a sociedade começa a achar que isso é fruto de ignorância, de falta de conhecimento gramatical, em geral, causado pela pobreza desses falantes. Historicamente, essas razões não são sustentáveis. Da passagem do Latim para o Português, houve muitas mudanças inclusive sintáticas e tais erros eram cometidos por pessoas de boa instrução e de grande poder socioeconômico nas sociedades medievais europeias. Do ponto de vista histórico, as mudanças evoluíram de tal modo que do Latim surgiram as línguas românicas. Embora a variação linguística seja inevitável na história de uma língua, a discriminação de pessoas pela linguagem e o preconceito contra certos usos menos aceitos de algumas regras gramaticais por alguns falantes ou, melhor, classes de falantes, é um fenômeno muito bem situado no tempo e no espaço da história da língua (ILARI; BASSO, 2006; O'NEIL; MASSINI-CAGLIARI, 2019).

2 A ciência no estudo da linguagem

Embora a língua seja um bem social compartilhado pelos indivíduos, são os linguistas os especialistas em estudar a linguagem em todas as suas dimensões. As descrições tradicionais dos sistemas das línguas atingiram um alto grau de

explicação, criando algoritmos descritivos em diferentes abordagens teóricas. Um denominador comum desses trabalhos mostra o quanto nós aprendemos sobre a linguagem e seus usos na vida dos indivíduos e das sociedades. Estudos avançados de linguística moderna têm levado as explicações da natureza e dos usos das línguas naturais a um patamar científico avançado, chegando hoje, de modo especial, a considerações de ordem cognitiva (ABREU, 2010; ROSA, 2010). As teorias tradicionais das diversas áreas da linguística passaram a receber também interpretações cognitivas (FAUCONNIER, 1994; 1999; FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Ao longo dos estudos linguísticos modernos, a descrição de uma língua com o que pode mudar e o que não pode foi muito desenvolvida pela linguística histórica, pela sociolinguística e pela pragmática. Ideias como discriminação e preconceito definiram bem alguns tipos de comportamento afetando indivíduos através de certos usos da linguagem (MASSINI-CAGLIARI, 2004, 2016; O'NEIL; MASSINI-CAGLIARI, 2019). Um problema linguístico tornou-se também um problema jurídico e político. Este cenário é muito complexo e tem sido explicado com o auxílio de várias áreas além da linguística. Sendo um bem social compartilhado, a linguagem tornou-se também objeto importante na política de uma nação, despertando também interesse voltado para os direitos e deveres jurídicos de pessoas e de instituições. A passagem do uso oral da linguagem para o uso escrito fez com que as leis pudessem ser editadas e publicadas. A linguagem das leis tinha que ser compreendida, o que obrigou o surgimento de variedades politicamente adequadas, obviamente, com consequências linguísticas sociais, como a revelação do *status* social das pessoas pela linguagem.

Atualmente, da imitação dos seres humano, partimos para a criação de robôs cada vez mais semelhantes a nós, contando não apenas com o desenvolvimento mecânico dessas máquinas, mas também dando a elas o que chamamos de inteligência artificial. Estudar a linguagem hoje se tornou uma tarefa com dimensões muito diferentes dos estudos linguísticos do último século.

Nessa perspectiva especial, o objetivo deste trabalho é despertar uma consciência cognitiva que explique como um indivíduo cria em sua mente um preconceito linguístico e o que o leva a usar esse pensamento para interpretar a fala de outras pessoas, que passam a ser discriminadas linguística e socialmente.

A linguagem é a manifestação mais evidente do pensamento e da racionalidade do ser humano. Além do uso dos sentidos, captando informações, e do cérebro, organizando a memória com toda informação instintiva e intelectual, a linguagem se organiza em um sistema abstrato de alta complexidade. Esse sistema tem sido atribuído à mente, uma espécie de software do cérebro. Há mais de um século tem-se estudado o cérebro, a *psique* e os sistemas linguísticos de comunicação e de expressão do pensamento, além dos estudos sobre a alma, de um ponto de vista tradicional das religiões.

De um modo particular, os estudos linguísticos dedicaram-se a descrever e a entender como a linguagem vive nos agrupamentos humanos, pequenos e grandes.

Não existe uma língua natural que seja de apenas um indivíduo. O caráter social da linguagem sempre esteve muito claro e, nos tempos modernos, tem tido uma atenção especial com os estudos de sociolinguística, de pragmática e da análise do discurso.

As línguas caracterizam-se por ter uma parte sólida no sistema e uma parte flexível. A parte sólida não é tão sólida, permitindo que as línguas evoluam. A parte flexível tem limites, além dos quais já não se pode mais dizer que são elementos do sistema sólido da língua. Um fato notável a esse respeito é a intuição do sujeito falante proposta por Chomsky (1965; 2010). Qualquer falante é capaz de fazer juízos de avaliação sobre a sua língua, podendo dizer se o que fala ou o que ouve pertence ou não ao grande sistema de sua língua (parte sólida + parte flexível). Esse juízo aflora imediatamente quando alguém fala outra língua, quando um estrangeiro não fala como um falante nativo, quando surgem erros de fala e de comunicação linguística. Há uma consciência linguística no subconsciente que controla os usos da linguagem. Algumas pessoas sentem-se mal falando com um gago, com estrangeiros e até conversando com pessoas de um dialeto muito diferente, por exemplo, um brasileiro conversando com um português, um britânico conversando com um americano, um parisiense conversando com um haitiano. São situações de constrangimento na comunicação linguística por causa de como os sistemas linguísticos desses falantes se distanciaram de um modelo idealizado pelos interlocutores.

Estudos avançados de linguística moderna têm levado as explicações da natureza e dos usos das línguas naturais para considerações de ordem cognitiva. As teorias tradicionais das diversas áreas da linguística passaram a receber interpretações cognitivas que, de um modo geral, não entravam nos modelos funcionais e gerativos (EVANS; GREEN, 2006; FILLMORE, 1982).

4 O Jogo Linguístico

O exposto acima mostra que existe um jogo de falar, um jogo de entender e um jogo de se comunicar. Como uma língua é adquirida através da interação social e como a linguagem é um processo dinâmico que mantém as línguas em mudanças constantes (o que se constata facilmente vendo a história das línguas), estamos diante de fatos muito evidentes de como uma língua é, de como funciona e de como é usada pelos seus falantes. Um linguista pode apresentar essa realidade de modo científico, mas todo falante também sabe como sua língua funciona. Uma língua é adquirida através de um processo de expectativas: um adulto fala com uma criança na esperança de que essa criança aceite o que é falado como elemento linguístico da expressão do pensamento. Por sua vez, o ouvinte aceita esse jogo na expectativa de que o que está sendo falado é uma expressão do pensamento que ele deve adquirir como parte de um sistema que irá sendo construído em sua mente (CAGLIARI, 2016).

Nesse jogo de construção da língua na mente do indivíduo, por causa da interação social com as pessoas que falam com ele, da história e da geografia do ambiente em que ele vive. A língua que uma pessoa aprende vem em pacotes, trazendo não apenas um sistema sólido, básico, de uso mais geral, mas também todos aqueles elementos linguísticos variáveis do sistema e todos aqueles elementos de pensamento que nascem dos usos da linguagem na vida da comunidade. Uma sociedade rural terá uma cosmovisão própria diferente de uma comunidade urbana comercial. Portanto, além de uma gramática do sistema básico da língua, a linguagem na vida real das pessoas vai agregando informações históricas e locais. Por isso, a comunicação linguística é ampla e leva consigo outros elementos que não são propriamente linguísticos, mas que constituem, juntamente com os elementos da língua, o que chamamos de comunicação pela linguagem. Cada indivíduo fala o que pensa e entende o que conhece como expectativa de entendimento. O mesmo se pode dizer das comunidades e da sociedade de uma nação como um todo. Essas expectativas não são iguais para todos os indivíduos de uma comunidade, porque a individualidade marca a vida de cada um de um modo diferente, em certos aspectos. A diferença é uma marca evidente dos seres humanos, porque são racionais e responsáveis pelo que querem e realizam na vida. Então, não se pode dizer que é a linguagem por si só que cria na mente das pessoas o que elas pensam. Embora todo pensamento só exista através de usos da linguagem, o que constitui esse pensamento vem de interpretações linguísticas cognitivas captadas da realidade de cada um. Essas são razões pelas quais não se pode culpar um sistema linguístico como causador direto de discriminação social. O preconceito linguístico se serve de elementos do sistema da língua, interpretando-os como fruto de outra realidade, ou seja, de um modo de vida em que a variação é vista não como elemento do sistema da língua, mas como um erro. Ao rotular a variação como erro, discriminam-se os falantes que cometem esses erros, procurando argumentos de outra natureza, como a ignorância e a falta de cultura, entre outros.

Embora os efeitos da discriminação e do preconceito linguístico sejam muito evidentes quando acontecem, não são claras, para muitos indivíduos, as razões que definem esse tipo de pensamento e de comportamento. Todo falante nativo sabe intuitivamente se a fala de uma pessoa segue ou não o sistema da língua. Se não fosse assim, não seria possível a comunicação falada entre as pessoas. Além disso, como ele é falante de uma variedade e ouvinte de muitas outras, que considera pertencerem à sua língua, ele julga-se apto a avaliar o valor social da linguagem que ele usa, como também o valor que ele atribui aos usos da linguagem por outras pessoas. Por exemplo, na boca dos humoristas, certas falas não são consideradas preconceituosas, apenas piadas; mas a mesma fala na boca de outras pessoas é considerada uma ofensa.

Existe também um consenso e um compartilhamento de ideias, de pensamentos, de verdades, de mentiras, de dúvidas, de cultura, de ideologia, etc.

entre certos grupos de pessoas. O fato de uma comunidade falar uma língua representa uma forma de compartilhamento da ação mental entre os indivíduos falantes daquela língua. Assim, existe também uma razão social cognitiva para um indivíduo ser ou não preconceituoso. Os indivíduos não gostam de serem os únicos a ter uma opinião. Juntar-se a um grupo que pensa de uma determinada forma justifica para o indivíduo uma coisa como verdadeira, porque compartilhada de algum modo com outras pessoas.

Muitas explicações da linguística moderna já abordaram esses problemas de vários pontos de vista, como a semântica e a pragmática. Porém, há muitas ideias subjacentes, admitidas como óbvias, que não emergem naqueles estudos. É comum os linguistas se preocuparem apenas com a descrição de fato e de como eles definem ou influenciam o sistema básico da língua. Considerações de outra natureza ficariam melhores em estudos interdisciplinares. Porém, mesmo dentro das preocupações científicas da linguística moderna, um ponto de vista que precisa ser levado em conta é o cognitivo. A comunicação linguística revela muita coisa que está na mente dos indivíduos, delineando o pensamento pelo significado literal, mas também deixa muita coisa escondida, subjacente, mas não menos importante. A expectativa, por exemplo, mostra que o significado literal diz pouco num processo de comunicação (CAGLIARI, 2006). Um destaque para questões básicas da cognição pode ajudar a explicar mais claramente como surge e como é usado o preconceito linguístico e algumas razões pelas quais ele gera discriminação social.

4 O Jogo Linguístico

Certamente, não se pode dizer que a mente das pessoas seja uma tabula rasa quando elas nascem. As exigências da sobrevivência da vida exigem que os bebês tenham informações específicas ao nascer. Essas informações podem ser adquiridas durante a gravidez. Fora do ventre materno, o ser humano tem um caminho a seguir. Com essas ferramentas iniciais, através de um processo de interação sinestésica, a criança recebe informações de pessoas com quem convive e as guarda em sua mente. Ao longo da vida, tal caminho é traçado pela história e pela geografia de cada momento da vida. As pessoas, assim, vão juntando informações novas, que não são apenas estocadas, mas reelaboradas a partir de como as pessoas interpretam o mundo. Assim, uma pessoa compartilha um modo de pensar igual ao de outras pessoas e, além disso, desenvolve pensamentos muito particularizados.

Podemos ver a mente de uma pessoa através daquilo que ela fala. Desse modo, podemos também ver o que pensam comunidades grandes e pequenas de pessoas, observando a fala das pessoas e sua cultura. Facilmente entendemos quais ideias são compartilhadas e quais são individuais ou restritas a grupos de pessoas. Uma nação não é feita apenas com um território com uma bandeira, mas também com ideias compartilhadas. Sem a linguagem, as pessoas não seriam racionais. Sem a

racionalidade não haveria nações, a vida seguiria apenas com seus instintos. Além dos governos políticos, no mundo digital, a comunicação global determina governos cibernéticos com hierarquias distintas de pessoas que influenciam outras. Na mente das pessoas, coisas boas e coisas ruins se misturam. A sabedoria da vida faz suas opções. Isso explica tudo de bom e tudo de ruim que há no mundo.

É claro que a mente não é feita apenas com uma lista de palavras e um sistema linguístico de uma língua. Certamente, entrando em contato com uma língua, a mente passa a juntar palavras e sentenças que representam pensamentos definidos. Depois de certo tempo, a mente precisa apenas pegar esses pensamentos e usá-los. Quando um pensamento é rotulado como bom e certo, essa indicação valerá quando ele for usado. A razão cognitiva do preconceito está justamente no fato de o falante usar pensamentos preconceituosos que foram estocados em sua mente como sendo verdades. As rotulações dos pensamentos são feitas através de um processo argumentativo mental. Diante do que ouve ou mesmo pensando em algo específico, a mente coloca o pensamento diante tudo o mais que a pessoa tem em sua mente. Ao fazer isso, a pessoa concorda ou não com o resultado. Essa rotulação acompanhará o tipo de pensamento rotulado. Por exemplo, ideias religiosas são rotuladas como boas e desejáveis. Assim, tudo o que se relaciona com aquele pensamento religioso será considerado bom e verdadeiro, mesmo que, de fato, não o seja. Quando se fala em ideologia, religião, tabu, etc., isso mostra que a mente compõe os pensamentos em grandes pacotes. Por essa razão, é difícil discutir uma afirmação isoladamente, apenas com palavras, porque ela poderia comprometer todo o pacote, ou seja, a religião, a ideologia, etc. Esses pacotes mentais são como países de um vasto mundo cognitivo. Curiosamente, um pacote pode estar em desacordo total ou parcial com outro, até que a mente volte a ter um equilíbrio entre um e o outro elemento do conflito. Muitos problemas psicológicos também revelam isso. Todo conflito na mente precisa ser resolvido para que a pessoa possa viver com tranquilidade. Esse equilíbrio não é a verdade, mas uma aceitação de verdade. Pelo fato de uma pessoa viver em uma sociedade heterogênea, ao longo de sua vida, terá que enfrentar muitos conflitos mentais. Os conflitos de uma pessoa são muito pessoais e só podem ser resolvidos pessoalmente.

Os falantes e os ouvintes não argumentam contra si próprios, a não ser em situação de conflito. O mais comum é que assumam que a verdade é automaticamente assim. Obviamente, é possível modificar o rótulo de um pensamento aceitando ou negando sua verdade e utilidade. A argumentação mental é um processo altamente complexo e a respeito dela ainda sabemos bem pouco (LANGACKER, 1987; LAKOFF, JOHNSON, 1980; PINKER, 1995). Porém, vendo o que as pessoas falam e escrevem, não é muito difícil entender os mecanismos mentais que as levaram a dizer o que disseram e do modo como disseram. Um levantamento de dados poderia fazer uma tipologia das falas preconceituosas. Certamente, há padrões recorrentes no mundo todo, porque somos todos humanos e vivemos como

humanos. Talvez assim alguém pudesse construir um robô preconceituoso, consciente do preconceito, para igualar à vida de seu dono. Por outro lado, o robô poderia carregar consigo formas de combate à discriminação e ao preconceito, inclusive linguístico, tornando sua vida um pouco mais humana.

Um androide como Data da Jornada nas Estrelas, modifica seu comportamento a partir de ideias novas. Mas será que um envolvimento com pessoas preconceituosas faria do androide um robô também preconceituoso? Em outras palavras, é possível desenvolver ideias na mente de uma criança para que ela esteja vacinada contra ideias e comportamentos preconceituosos? Haveria uma gramática cognitiva que sinalizasse certos comportamentos linguísticos e sociais como preconceituosos, assim como sinaliza que uma frase é agramatical? Ou será que ideias preconceituosas são apenas questões semânticas na mente, sendo condenáveis apenas quando expressas por palavras ou por ações?

Referências

ABREU, Antônio Suárez. **Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. An outline of a theory of expectation. In: *International Journal of Linguistics and Communication*. New York: **American Research Institute for Policy Development**. vol. 4, n^o. 1, p. 49-57. 2016. ISSN: 2372-479X (Print) 2372-4803 (Online). DOI: 10.15640/ijlc.v4n1a6. URL: <https://doi.org/10.15640/ijlc.v4n1a6>

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts. the MIT Press, 1965.

____ **Linguagem e Mente**. 3^a ed., São Paulo: UNESP, 2010.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh. Edinburgh University Press. 2006.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces**. Cambridge. MIT Press. 1994.

____ **Mapping in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

FAUCONNIER, Gilles; Mark TURNER. **The Way we Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books. 2002.

FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (eds.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul. Hanshin, 111-137. 1982. [http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf/access27/11/2015].

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAKOFF, George; Mark JOHNSON. **Metaphors we Live by**. Chicago. The University of Chicago Press. 1980.

LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar**. Stanford. Stanford University Press. 2 v. 1987.
MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Language Policy in Brazil: monolingualism and linguistic prejudice. *Language Policy* 3, 3-23, 2004. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. (ISSN 1568-4555)

MASSINI-CAGLIARI, GLADIS. One language among many, many languages in one: monolingualism, linguistic prejudice and language policy in Brazil. **Revista da Anpoll**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. no 20, p. 63-84, jan./jun. 2006. Campinas-SP. (ISSN 1414-7564)

O'NEILL, Paul; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Linguistic prejudice and discrimination in Brazilian Portuguese and beyond: suggestions and recommendations. **Journal of Language and Discrimination**. vol 3.1 2019 p. 32-62. (ISSN: 2397-2645). doi: <https://doi.org/10.1558/jld.37344> (<https://journals.equinoxpub.com/index.php/JLD/index>)

PINKER, Steven. **The Language Instinct: how the mind creates language**. New York. Harper Perennial. 1995.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à (bio)linguística: linguagem e mente**. São Paulo: Editora Contexto. 2010.

Linguistic variation: some cognitive questions

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Chamada Temática

Volume 5

Número 2

Recebido em: 02/03/2020

Aprovado em: 21/06/2020

Abstract:

This work is a general approach towards thinking the linguistic prejudice as a mental activity related to the use of language. It reviews the ideas of discrimination and prejudice from the point of view of the use of language. Not all linguistic variation causes linguistic prejudice. However, all kinds of linguistic prejudice emerge from how speakers or groups of people think some rules of the grammar must be used, in order not to cause social discrimination. When language is in use, there is a play whose rules are expected to be attended in speaking, hearing and understanding the communication. It is a cognitive play which supports the social, the cultural and idiosyncratic behaviour by speakers who are discriminated by the way they use the language.

Keyword:

Prejudice; Linguistic Variation; Cognitive Linguistics